

ESTUDO para "play-ground", trabalho de 1950

GERALDO DE BARROS

Jovem Pesquisador, Corpo e Alma Integrados na Formulação da Arte Viva — De Klee à Pintura Concreta — Impressões Ligeiras de Sua Viagem à Europa

Em 1945 o jovem Geraldo de Barros graduava-se em ciências econômicas, uma bela carreira para a qual não tinha vocação. Tanto que se resolvia a estudar pintura, rumo que seus desenhos de então, embora tímidos, o encorajavam a tomar. Era uma propensão que vinha de longe. A princípio quase despercebida pelo intelecto, para se transformar aos poucos primeiro em desassossego, depois em obsessão.

MODERNO

Quando tomou consciência de sua verdadeira inclinação e sentiu naquelas marteladas íntimas algo de muito sério, começou a frequentar, entre acanhado e temeroso, os meios artísticos. Nada sabia dessa história de modernos e acadêmicos. Foi bater às portas do Sindicato dos Artistas Plásticos. Voltou outras vezes mas a sede da entidade, ontem como agora e como sempre, era um cubículo fechado. Cansou-se o rapaz e acabou por procurar a Associação Paulista de Belas-Artes. Mostrou os desenhos que havia feito e logo lhe disseram:

— Mas você é um moderno!

Ora, ele nunca tinha pensado em ser moderno ou isso a que enfaticamente se dá o nome de "classico". Era o que era. Mas, inexperiente e influenciado, acabou seguindo o conselho dos amigos acadêmicos. Pintou quadros que hoje o fazem corar.

E como, iludido, obedecia, todos faziam coro:

— Estamos domando o Barros...

QUIMICO

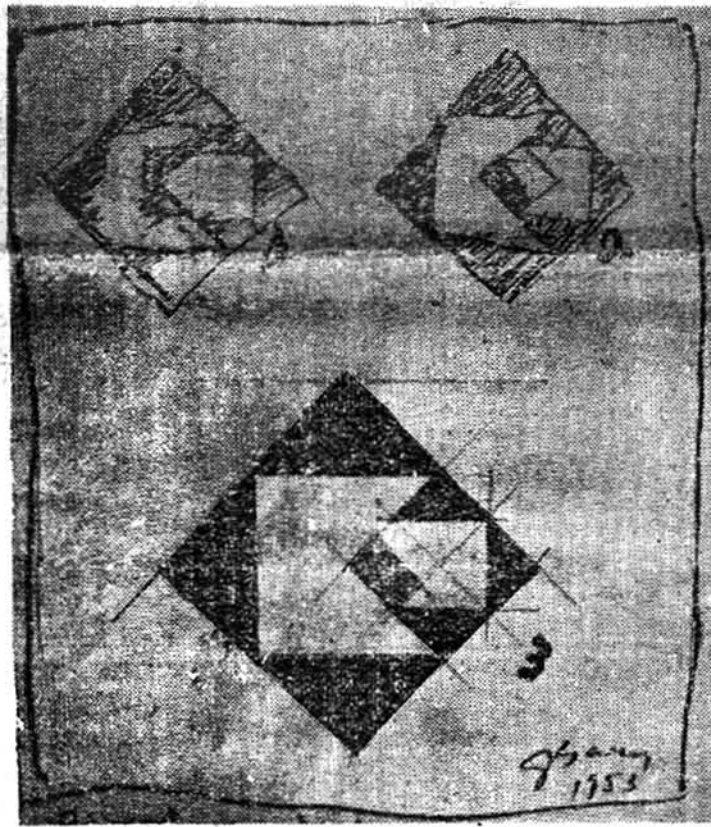
Bem, a verdade era muito outra... O jovem tinha idéias. Inteligência. Começou a estudar, a conhecer a história da arte, a saber porque um Matisse é um artista melhor e porque Cézanne é um gênio. Notou que seus desenhos tinham semelhanças com os de Clovis Graciano. Procurou e frequentou-lhe o "atelier". Em casa inaugurava uma vitrine de pinturas. Pintava com remédios, com essências de varias naturezas. Misturava, revolvia, associava tintas e substâncias. Era um químico no laboratório. Avido por descobrir matizes inéditos.

AMIZADES

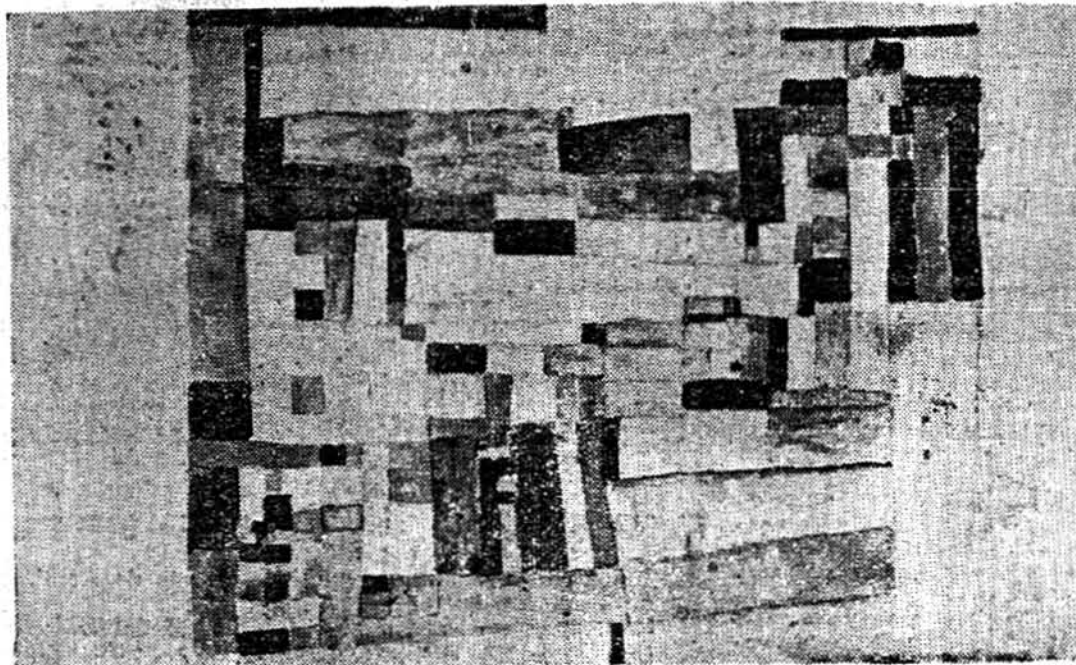
Em breve realizava também suas primeiras tentativas como gravador. Ao mesmo tempo ia abandonando o castelo de cartas dos acadêmicos. Convinco-se que arte não é fórmula no bolso. Um belo dia conhece Takakka e também o moço Athayde. O primeiro encarregou-se de lhe limpar muitos de seus seustos. E encaminhava-o para a confraria dos expressionistas. Já com o segundo veio a fase do "Grupo 15" e a experiência da fotografia. Mas Geraldo e seu companheiro eram muito pobres. Resolveram então trabalhar em fotografia comercial. Frequentaram a varzea para fotografar quadros de futebol e ganhar algum dinheiro. Isso não

Por

Valter ZANINI



PROJETO para objeto-forma (desenvolvimento de um quadrado) exposto recentemente pelo Grupo Ruptura.



COMPOSIÇÃO de Geraldo de Barros

valeu muito, mas foi uma espécie de artesanato.

KLEE

Até pelo fim de 1948, o expressionismo era já etapa vencida. Não o satisfazia mais. Aborrecia-se também do óleo e das telas grandes. E estava cansado dos salões. Começou a pintar quadros de tamanho pequeno. Em casa dava-se à procura de novas soluções técnicas, agora já dentro das pesquisas fotográficas. No início de 1950 sobreveio a influência de Klee.

Impressão profunda lhe causou a fantasia do mestre. A sua poesia, o seu divagar infantil, a sua pré-consciência. Nessa época expôs fotografias no Museu de Arte, no Ministério da Educação e na Bahia. Antes, já obtivera menção honrosa e medalha de bronze, em 1947 e 1948, no Salão Nacional de Arte Moderna. Fez exposição dos trabalhos da "fase Klee" no Museu de Arte Moderna. Ao lado deles, havia alguns já fora dessa influência. Na I Bienal ganhou um prêmio de gravura.

DEFESA

— "Muita gente pensa que eu salto irracionalmente de uma coisa para outra" — diz ele. Mas, por exemplo, entre a exposição do "Grupo Ruptura" e a minha mostra de 1950 há uma "continuidade" que não foi exposta. São os trabalhos em fotografia... Quando sei de Klee, cai na pintura concreta através de experiências com fotografias abstratas.

VIAGEM

Ele foi à França em 1951, com uma bolsa de estudos do



GERALDO DE BARROS

ros disse constituir sua lista positiva Pier della Francesca, Masaccio, Uccello, Fra Angelico e os primitivos sieneses, e a negativa, Tintoretto, Rafael, Michelangelo e Leonardo. Visão pessoal. Na Holanda apreciou os primitivos. Não gostou de Rubens. Gostou de Grunewald, de Durer.

PARIS

E, falando de Paris: — "A ex-cidade das barricadas está lutando para sobreviver. As melhores obras de arte moderna não são vistas em Paris. Mas na Suíça, na Suécia, na Inglaterra, na Holanda... Há muitos concretistas estrangeiros em Paris, poucos franceses: há venezuelanos, colombianos, americanos, brasileiros. Gente de lá mesmo, porém, e que entende o concretismo, há pouca. E, verdade, lá não se nota a metade do entusiasmo que se vê aqui".

VOLTA

No começo de 1952, Geraldo já estava de volta. Começou então a fazer fotografias concretas. Abandonou a fotografia feita com a máquina, realizando fotografias ao gravar com a luz. Considera a máquina um compromisso com a figura. Ele explica a diferença de fotografia abstrata e concreta:

— "Se conseguirmos focalizar alguns pormenores que ninguém sabe o que é, estamos em face de uma fotografia abstrata. Quando organizamos formas no espaço, estamos no campo da fotografia concreta.

FUTURO

Para o futuro, Geraldo pretende continuar suas pesquisas de pintura concreta, iniciadas no Grupo Ruptura. E continuar também na arte fotográfica, uma dimensão que lhe é muito peculiar e que surpreendeu os críticos europeus. Como pintor é franco atirador que faz da imaginação seu ponto forte. Vive o grande problema estético das artes plásticas de nosso tempo, estudando, pesquisando, lutando, sofrendo quicá quantas injúrias dos que estão fora de qualquer realidade, mas sempre voltado corajosamente para o caminho árduo que se traçou. Um caminho que, afinal de contas, já lhe tem dado algumas pequenas justas satisfações.

governo francês. Em Paris estudou no "atelier" de Hayler. Travou contacto com varios artistas e gostou do que viu de Vasarely, Maria Helena Vieira da Silva, Youngerman, do grupo da Galeria Denise René e da Galeria Suzanne Michel e mais, na Suíça, de Lohse, Max Bill, S. Tauber Arp. E esclarece:

— "Mas Picasso, Matisse e Rouault foram uma decepção. Não me disseram nada enquanto Mondrian e Klee confirmaram o que eu esperava".

PELOS MUSEUS

O jovem artista viajou por varios países europeus. Não pintou um quadro. Empregou todo o tempo visitando museus, galerias etc. Viu o mais possível.

— "Onde houvesse um só quadro que fosse, mas de importância, eu ia. Descobri assim muito que pensava não existir".

PREFERENCIAS

Na sua crítica sobre os pintores-antigos, Geraldo de Barros

PREFIRA CERA COLMEIA